

## **Revolução de riscos na era multimídia**

28/11/2005

**Marcos Nicolau\***

### **Introdução**

Que a Internet está reconfigurando nossa interação com o mundo, todos nós já sabemos. Mas, as transformações não estão se dando apenas no âmbito das fronteiras comerciais e empresariais, na inserção dos antigos meios de comunicação dentro de uma nova mídia. São mudanças muito mais profundas, tanto no campo tecnológico e empresarial, quanto na forma de pensar e agir das pessoas e das sociedades.

As influências nas áreas da informação, da educação e do entretenimento já são visíveis e não são vistas de todo com deslumbramentos. Há prós e contras a serem pesados e muito bem discutidos sob pena de tomarem rumos desenfreadamente negativos.

De que forma os meios tradicionais de comunicação estão se reconfigurando? Continuarão sendo Meios de Comunicação de Massa? Ou as novas tecnologias significarão realmente a liberdade de interação plena para todos os cidadãos comuns? Nos tornaremos seres simbióticos formadores de um grande organismo híbrido ou seremos anestesiados pela avalanche de serviços triviais? Cebrián (1999) vai mais além: trata-se de uma verdadeira revolução? Afinal, as transformações produzidas ou anunciadas pela sociedade digital constituem o germe de uma situação nova ou é somente uma revolta, uma agitação passageira, por mais descomunal que pareça?

São questões que, com certeza, nem poderemos responder num simples artigo. Mas, ao menos podemos discutir essa mudança em curso e especular seus desdobramentos com o propósito de nos prepararmos melhor para seu devir.

### **A inteligência humana interconectada**

Estamos em vias de nos tornarmos células de uma nova forma de vida, supõe Rosnay (1997), a partir de uma simbiose humana, biológica, mecânica e eletrônica a habitar todo o planeta. O sistema nervoso dessa macrovida é constituído pelos nossos sistemas de economia, mercados, rodovias, redes de comunicação e estradas eletrônicas, interagindo e tornando-se um superorganismo que irá condicionar nosso desenvolvimento e modificar o futuro de toda a humanidade.

O processo desencadeado pela evolução da informática não diz mais respeito somente a uma tecnologia de criação de computadores que facilitam as nossas vidas. Diz respeito, sim, à reestruturação do modo de viver de cada um dos nós, uma vez que mudou o tempo e o modo como realizamos nossas tarefas, nos educamos e nos entretemos.

Conforme Negroponte (1995) estamos trocando os átomos pelos bits e criando uma superestrutura de informação com o movimento global desses bits à velocidade da luz. A superprovação clara disso é demonstrada por Rosnay (1997), para quem a revolução trazida pelos bits de informação que circulam nas redes é igual à revolução provocada pela circulação de moedas ocorrida no princípio da era mercadológica. Transportar e trocar mercadorias era por demais complicado e dispendioso devido ao volume e fácil deterioração quando se tratava de alimentos, atividade que foi significativamente transformada com a troca de valores gerada pelas moedas.

Se Rosnay mostra a analogia dessa mudança com revoluções passadas, Negroponte (1995, p. 18) especula sobre o futuro de tais transformações:

A superestrutura da informação nada mais é do que o movimento global de bits sem peso à velocidade da luz. Todas as indústrias, uma após outra, olham-se no espelho e se perguntam sobre seu futuro; pois bem, esse futuro será determinado em 100% pela possibilidade de seus produtos e serviços adquirirem forma digital.

Mas, nada está determinado ainda. Uma longa história de descobertas, invenções e transformações está sendo construída dia após dia pelo contínuo processo de interação dialética do ser humano que cria novas tecnologias e é modificado por ela. Por isso que, para Lévy (1993), não existe uma informática em geral nem uma essência congelada do computador. O que há é um campo de renovadas tecnologias intelectuais que se mostra totalmente aberto, conflituoso e ainda indeterminado. Anunciava Lévy (1993, p. 7) às margens do novo milênio:

As novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria. Emerge, neste final de século XX, um *conhecimento por simulação* que os epistemologistas ainda não inventariam.

Seguindo uma linha de raciocínio a partir dessas constatações, percebe-se que a rede torna-se, aos poucos um poderoso computador infinitamente mais eficiente do que qualquer máquina que o ser humano tenha criado. Para Cebrián (1999, p. 18), a inteligência humana em rede permite a criação de uma ordem superior de pensamento e conhecimento e talvez até mesmo de consciência "internetizada", entre nós, seres humanos:

Creio que isso nos leva a uma nova era de promessas, a Era da Inteligência Interconectada. Não se trata simplesmente de interconexão de tecnologias e, sim, de interconexão de seres humanos pela tecnologia. Não é uma era de máquinas inteligentes, mas de seres humanos que, pelas redes, podem combinar sua inteligência, seu conhecimento e sua criatividade para avançar na criação de riqueza e desenvolvimento social. (...) É uma era de muitas promessas novas e de possibilidades inimagináveis. (CEBRIÁN, 1999, p. 18-19).

Podemos conferir essas predições de possibilidades de recursos, mesmo que não haja tantas certezas, a partir das especulações feitas por expoentes personagens que vivem tais transformações.

Por um lado, citado por Dizard Jr. (2000), o visionário da Microsoft, Bill Gates fazendo previsões mercadológicas ao afirmar que nós obteremos informações através de computadores que cabem na palma da mão, ligados ao imenso sistema de bancos de dados que cobre o planeta. Nesse contexto, ou os meios de comunicação clássicos adequam-se e prosperam ou estão fadados à extinção. Por outro lado, falando de forma mais específica quanto ao aspecto da discursividade, o jornalista Jerry Lanson, do **On-line Journalism Review**, diz que: "Na Web, os visitantes controlam praticamente tudo. Como internauta, cada leitor pode até transformar-se em narrador. As histórias não começam e terminam simplesmente. Elas começam onde o usuário quer começar e acabam onde ele termina de ler". (apud FERRARI, 2003, p. 75). Daí sua recomendação de que os profissionais da área terão de criar novas maneiras de contar histórias e não simplesmente desenhá-la na Web.

## As interações das novidades tecnológicas

Nossa era parece ter chegado a um ponto de possibilidade de convergências dos meios e suportes para difusão de linguagens, idéias e pensamentos nunca antes alcançado. Das primeiras pinturas de imagens nas cavernas, passando pela escrita em suas diferentes formas e chegando aos meios eletrônicos até desembocar na mídia digital, conseguimos finalmente desenvolver uma linguagem em que, simultaneamente, textos, sons e imagens estáticas ou em movimento se unem para compor gêneros discursivos mais próximos da nossa capacidade mental de perceber e compreender o mundo.

De acordo com Dizard Jr. (2000), antes da digitalização, os suportes disponíveis eram incompatíveis, uma vez que o papel era usado para textos, a película química para fotografias e filmes, a fita magnética para sons e vídeos. Em nossos dias a transmissão da informação digital independe do meio de transporte, utilizando fios de telefone, ondas de rádio, satélite de televisão etc. E mesmo em diferentes tipos de transmissões, consegue-se uma qualidade perfeita e menos onerosa, ao contrário do sinal analógico que se degrada com muito mais facilidade.

Atualmente, o aspecto mais significativo dessa evolução é o rápido desenvolvimento da multimídia na seqüência da convergência de vários campos tradicionais. Assim, fundem-se em um único setor do todo digital as quatro formas principais da comunicação humana: o documento escrito (imprensa, magazine, livro); o audiovisual (televisão, vídeo, cinema); as telecomunicações (telefone, satélites, cabo); e a informática (computadores e programas informáticos). (ROSNAY, 2000, p. 99).

Mas, quais serão exatamente os serviços de ponta proporcionados pelos computadores que estarão competindo nas indústrias de entretenimento, informação e educação. É o próprio Dizard Jr. (2000) quem responde: televisão de alta definição, transmissões radiofônicas digitais, computadores multimídia, bancos de dados que cabem na palma da mão, sistemas de distribuição multiponto, CD-ROM, discos laser, satélites de transmissão direta, aparelhos de fax de última geração, telefones inteligentes, redes de computadores para consumidores, jornais eletrônicos portáteis e serviços nacionais de videotexto.

Podemos constatar as possibilidades de recursos e facilidades que tais serviços colocarão à nossa disposição, baseados, inclusive, nos mais recentes avanços tecnológicos direcionados ao uso pessoal e apresentados no artigo **A vida sem fio**, de Carlos Rydleswki (Revista Veja, outubro/2004). Em dimensão mais restrita, o sistema *Bluetooth* permite conexões sem fio de até 10 metros entre dispositivos como celulares, PCs, impressoras, teclados, mouses e fones de ouvido. Em dimensão mais ampla, o sistema *Wi-fi* permite tais conexões com a Internet de banda larga em até 50 metros. No Brasil já existem quase 800 pontos de *wi-fi* em hotéis, aeroportos, restaurantes, onde é possível acessar a Internet por *laptops* e *palms*. Esses ambientes são varridos por ondas eletromagnéticas prontas a permitir tais conexões, e já ocorrem até em lugares inusitados como dentro de aeronaves de passageiros.

Toda essa tecnologia, associada a outros recursos como os teclados virtuais, em que um computador instalado no celular permite a projeção de um teclado de luz em qualquer superfície plana, vai proporcionar uma inimaginável possibilidade de interações, exigindo que os meios de comunicação reorganizem e reinventem seus modos de produzir, transmitir e fornecer conteúdos para os mais diversos interesses.

## Cultura de mídias versus Meios de Comunicação de Massa

Com relação às transformações tecnológicas no contexto da Comunicação Social, os estudiosos estão começando a discutir seriamente os conceitos de Meios de Comunicação

de Massa ao perceberem que as mudanças não ocorrem somente em nível de meios e seus conteúdos, mas também no nível dos usos pessoais desses recursos. O diálogo entre as mídias, as relações intermediáticas vêm constituindo uma cultura.

Santaella (2002) demonstrou há mais de dez anos que estava ocorrendo um intercâmbio entre os meios de comunicação, criando-se uma rede de complementaridades a que ela chamou de Cultura das mídias. Trata-se de processos culturais distintos da lógica que era própria da cultura de massas, possibilitando que os consumidores possam fazer escolhas entre produtos simbólicos alternativos:

Para perceber como tais escolhas são disponibilizadas, basta atentar para os modos como as mesmas informações transitam de uma mídia a outra, distribuindo-se em aparições diferenciadas: partindo do rádio e televisão, continuam nos jornais, repetem-se nas revistas, podendo virar documentário televisivo e até filme ou mesmo livro. Esses trânsitos, na verdade, tornam-se tão fluidos que não se interrompem dentro da esfera específica dos meios de massa, mas avançam pelas camadas culturais outrora chamadas de eruditas e populares. (SANTAELLA, 2002, p. 49)

Para a autora, as mídias tendem a se engendrar como redes que se interligam e nas quais cada mídia particular quer seja o livro, o jornal, a TV, o rádio ou a revista, demonstra uma função que lhe é peculiar. “É a cultura como um todo que a cultura das mídias tende a colocar em movimento, acelerando o tráfego entre suas múltiplas formas, níveis, setores, tempos e espaços”. (SANTAELLA, 2002, p. 49)

Sobre essas questões Dizard Jr. (2000) já anunciava que as novas tecnologias não se adequam à antiga definição de meios de comunicação de massa. Afinal, historicamente a expressão *mídia de massa* quer dizer produtos de informação e entretenimento centralmente produzidos e padronizados que são distribuídos a grandes públicos através de canais distintos. A nova mídia, por sua vez, modifica tais condições e, geralmente, seus produtos não se originam de uma fonte central. Tampouco fornece serviços especializados a vários segmentos de público. A inovação mais importante dessa nova mídia, segundo ainda este autor, é a distribuição de produtos de voz, vídeo e impressos num canal eletrônico comum, comumente feitos em formatos interativos bidirecionais que permitem aos consumidores um maior controle sobre os serviços que recebem, bem como sobre quando obtê-los e de que forma.

A hegemonia da cultura de massas, até então inquestionável, segundo Santaella (2002), foi posta em crise junto com a invasão anunciada da informatização, penetrando em todas as esferas da vida social, econômica e da vida privada.

Essa opinião é corroborada por Droguett (2002), para quem o efeito atual dos meios de comunicação é o inverso da imagem que faziam deles os representantes da Escola de Frankfurt. Theodor Adorno previra em seus livros que o rádio, assim como, mais adiante, a televisão, seria responsável pela produção de uma homogenização geral da sociedade, favorecendo uma espécie de tendência demoníaca interna, a formação de ditaduras e governos totalitaristas capazes de exercer o controle sobre os cidadãos por meio da distribuição de *slogans* propagandísticos, pela publicidade, enfim, por concepções estereotipadas do mundo. Droguett (2002, p. 25) rechaça tais idéias afirmando: “O que de fato tem acontecido – apesar do esforço do monopólio capitalista – é que o rádio, a TV e a imprensa, entre outros meios, têm operado uma grande explosão e a conseqüente multiplicação das concepções do mundo”.

### **Não há revolução sem riscos**

Por mais deslumbrantes que sejam as novidades tecnológicas de nosso tempo, tais transformações também trazem seus riscos e nos mostram os perigos a que estamos sendo expostos. De acordo com Cebrián (1999, p. 19) os indivíduos, as organizações e as sociedades que não acompanham essas evoluções receberão o “bilhete azul”. Afinal,

os novos meios transformam a maneira como se faz negócios, as formas de trabalho, aprendizado e entretenimento, bem como o modo de pensar das pessoas. “Há indícios de uma nova economia em que a riqueza está ainda mais concentrada, os direitos básicos como a intimidade desaparecem e uma espiral de violência e repressão solapa a segurança e as liberdades básicas”.

As perguntas que os especialistas estão se fazendo é sobre o papel que essa nova mídia desempenhará, uma vez que ainda não há garantias de que essa vasta proliferação de recursos e canais de informação cada vez mais especializados serão de todo benéfica. Citado por Dizard Jr. (2000), o crítico de mídia Neil Postman teme que a avalanche de recursos de entretenimento e informação num mercado de disputa acirrada possa terminar numa quantidade enorme de produtos triviais e serviços de baixa qualidade, cujos efeitos anestésicos nos impedirá de compreender e agir contra suas ações negativas.

O que não é difícil acontecer, uma vez que, as redes interligadas em todos os nossos aparelhos e ambientes nos quais transitamos, com acesso a todas as nossas transações e comportamentos, saberão facilmente dos nossos gostos e fraquezas. Seremos bombardeados por produtos e serviços que prometerão satisfazer nossos desejos mais íntimos em caráter personalizado. Ao conhecer os medos e receios de cada um de nós, cidadãos comuns, poderosos sistemas mercadológicos estarão nos oferecendo sutilmente conforto, satisfação e recompensas, bem como a sensação de onipresença no mundo, sem que precisemos sair de casa.

### **Outras questões em pauta**

Chegamos ao final dessa jornada de digressões com outros questionamentos além daqueles com os quais iniciamos o presente artigo: se um simples celular vai tocar programação de rádio, exibir programas de televisão, como serão os conteúdos desses meios tradicionais? Haverá uma linguagem híbrida que se ofereça muito mais dinâmica e adequada a esse minúsculo suporte? Ou eles projetarão suas imagens em qualquer parede? Se vamos poder acessar livros, filmes, músicas, que estarão sendo disponibilizados na Internet por qualquer pessoa que encaminhe esses conteúdos à outra, como será cobrado direitos autorais? Com a transmissão de imagens de qualquer parte do mundo pelos próprios cidadãos, bem como, com o acesso às imagens que as câmeras colocadas em locais públicos captam, que formas tomarão o jornalismo para contextualizar os eventos e fatos já visualizados pelas pessoas?

Mesmo questionando se estamos vivenciando uma verdadeira revolução, Cebrián (1999, p. 33) chama a atenção para as posturas que a sociedade precisa adotar diante dos fatos em transformação e lança, por fim, uma questão que se dirige a âmago de cada um de nós:

Políticos, intelectuais, educadores, homens de negócios, profissionais e, de um modo geral, todos os que tomam decisões precisam estar conscientes do profundo impacto do emprego das novas técnicas na organização de nossa vida. Não se pode governar dando as costas para a sociedade digital; ao contrário, convém governar para que ela cresça da maneira mais harmoniosa possível, evitando novos desajustes e desigualdades, das quais nasceriam – inevitavelmente – conflitos e violências. Entretanto, ainda é cedo para responder à questão fundamental, mas não o é para que usemos formulá-la: “Somos mais humanos graças às tecnologias de vanguarda?”.

### **Referências**

- CEBRIÁN, Juan Luis. **A rede**: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação. 2. ed. São Paulo: summus, 1999.
- DIZARD Jr., Wilson. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2000.

DROGUETT, Juan. Vertigem pendular – cultura dos meios de comunicação. In: BALOGH, Ana Maria; ADAMI, Antonio; DROGUETT, Juan e CARDOSO, Haydée Dourado de Faria. (Orgs.). **Mídia, cultura, comunicação**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2002.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2003.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

NEGROPONTE, Nicholas. **Vida digital**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RYDLESWKI, Carlos. A vida sem fio. In: **VEJA**, edição 1.874, ano 37, n. 40, de 6 de outubro de 2004, ps. 100-111.

ROSNAY, Joël de. **O homem simbiótico**: perspectivas para o terceiro milênio. Petrópolis/RJ, Vozes, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. Cultura midiática. In: BALOGH, Ana Maria; ADAMI, Antonio; DROGUETT, Juan e CARDOSO, Haydée Dourado de Faria. (Orgs.). **Mídia, cultura, comunicação**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2002.

**\*Marcos Nicolau** é professor e Coordenador do Curso de Comunicação Social da UFPB.  
Doutor em Letras pela UFPB.